

# O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO EPISTEMOLÓGICA NA LITERATURA: CONTOS DE CLARICE LISPECTOR COMO OBJETO DE ESTUDO

Lílian Lima Gonçalves dos Prazeres, UFES<sup>1</sup>  
Adelia Miglievich-Ribeiro (Orientadora), UFES<sup>2</sup>

**Resumo:** Produzir conhecimento no campo de estudos literários implica num trabalho árduo e prazeroso. Árduo porque nos enveredamos nos campos da subjetividade que englobam a ficção e o processo de criação literário. O prazer está situado na possibilidade de lazer e de catarse que a obra de arte nos proporciona. Na análise literária, o pesquisador encontra-se primeiro com o objeto de estudo e dele se enamora. Mas é do afastamento do texto, da leitura desapassionada, do olhar crítico que surgem da pós-leitura, ou das leituras subsequentes que tratarei neste colóquio. Afinal, a reflexão sobre o texto literário não perpassa pela leitura superficial do texto, pelo contrário, é aquela que consegue ver o que está dito nas entrelinhas, nas metáforas, na reelaboração do real impressa no universo ficcional. Nesse ínterim, o estudo sobre os contos de Clarice Lispector, realizado durante a pesquisa de Mestrado em Letras, no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), me servirá de aporte para uma reflexão em torno da construção epistemológica na literatura. Além disso, poderemos perceber o quanto de reflexão do mundo em que vivemos, recriado ficcionalmente, está impresso no texto literário.

**Palavras-chave:** Conhecimento; Literatura; Clarice Lispector.

## Introdução

A possibilidade de participar do I Colóquio Internacional de Mobilidade Humana e Circularidade de Ideias e compor a mesa A construção do objeto de estudo: do problema teórico à análise lançaram-me o desafio de refletir sobre o meu campo de estudo: Os estudos literários. Desde então os questionamentos foram inúmeros: Como fazer ciência em literatura? Qual o posicionamento do estudioso de literatura diante do texto literário? Entendo que produzir conhecimento no campo de estudos literários implica num trabalho árduo e prazeroso. Árduo porque nos enveredamos nos campos da subjetividade que englobam a ficção e o processo de criação literário. O prazer está situado na possibilidade de lazer e de catarse que a obra de arte nos proporciona. Na análise literária, o pesquisador encontra-se primeiro com o objeto de estudo e dele se enamora. Mas é do afastamento do texto, da leitura desapassionada, do olhar crítico que surgem da pós-leitura, ou das leituras subsequentes que tratarei neste texto.

## A literatura como objeto de estudo

A primeira coisa que o estudioso de literatura deve ter consciência é de que a reflexão sobre o texto literário não perpassa pela leitura superficial do texto, pelo contrário, é aquela que consegue ver o que está dito nas entrelinhas, nas metáforas, na reelaboração do real impressa no universo ficcional. Além disso, não podemos nos desvincular da ideia de que temos um ponto de partida – a obra literária- e de que dela não devemos nos afastar.

Ao utilizarmos um texto literário, estamos lidando com um objeto de estudo que foi intencionalmente escrito por um autor, o qual elegeu cuidadosamente o seu formato, fez uma seleção da linguagem, disse o que

<sup>1</sup> Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Doutoranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Bolsista CAPES.

<sup>2</sup> Bolsista PQ-Produtividade CNPq nível 2. Professora do Departamento de Ciências Sociais e dos Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PGCS) e em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Líder do Núcleo de Estudos em Transculturação, Identidade e Reconhecimento (Netir) e pesquisadora do Laboratório de Educação Republicana (LER), ambos cadastrados no DGP-CNPq.

deveria dizer explicitamente, mas também deixou pistas de ideias e de reflexões que podem ser colhidas nas entrelinhas da obra. De acordo com Antonio Candido (1984, p. 05), “o texto é uma espécie de fórmula, onde o autor combina consciente ou inconscientemente elementos de vários tipos.” É nesta combinação que encontramos possíveis caminhos para análise literária.

A obra literária escolhida para análise conta, como disse acima, com uma estrutura e esta também deve ser observada por aquele que pretende estudá-la. Sobre isso, Candido (2005) reflete:

O estudioso de literatura visa essencialmente ao conhecimento e análise do texto literário. Este apresenta dois aspectos básicos. O primeiro é a sua realidade material [...]. O segundo é a sua realidade íntima e finalidade verdadeira: natureza, significado, alcance artístico e humano (CANDIDO, 2005, p. 13).

Muitas vezes, ao nos voltarmos para o estudo do texto literário, nos empolgamos com o conteúdo do texto e com suas possíveis interpretações, de cunho social, histórico, intimista, dentre outros, e nos esquecemos de que o texto está escrito num formato, por meio de determinado código linguístico, que possui um narrador e um foco narrativo, ou seja, que está compreendido de elementos que lhe garantem a literariedade. Acredito que relegar esses elementos na análise é um comportamento equivocado, pois como observou Candido (2005) a análise literária tem que considerar os dois aspectos básicos que o compõem: o material e o subjetivo. Aliar esses elementos básicos permite que façamos uma leitura aprofundada do texto, prestando atenção em todas as suas facetas.

O estudioso do campo em questão tem ainda um desafio, trata-se de ler muitas e muitas vezes o seu objeto de estudo. De regra, antes de eleger uma obra para análise, temos um primeiro contato com ela, numa leitura de lazer e fruição. A partir daí somos fisgados pela obra, nos apaixonamos por ela e pelo estilo do autor. Realmente uma obra literária nos diz muito. A lembrança da obra continua conosco, existe nela algo que nos inquieta, que nos provoca. É justamente dessa inquietação que surge um problema de pesquisa e que nosso olhar sobre a obra se transforma. Daí sucedem as outras leituras, cada uma delas nova, cada uma nos inquietando mais, porém nos dando novas pistas de respostas, criando novas intuições. Constitui-se assim um objeto e um problema de pesquisa. A respeito das questões observadas, Vera Aguiar (2007, p. 09) afirma:

A escolha do tema de pesquisa apresenta várias implicações. Em primeiro lugar, como já acentuamos, vamos orientar nosso estudo segundo uma necessidade detectada e um interesse. É preciso, antes de mais nada, mobilização interior para o problema, convicção da importância de seu tratamento, desejo de agir.

Este afastamento do texto, que num primeiro momento nos mobilizou emocionalmente, é um trabalho árduo, mas necessário para análise do texto. Afinal, como explicitou Aguiar (2007), o problema a ser pesquisado parte de uma mobilização pessoal, no entanto, deve ter uma relevância no campo de estudo e na sociedade em que se inscreve.

### **Contos de Clarice Lispector como objeto de estudo**

Clarice Lispector possui uma obra literária rica e instigante. A escritora é dona de um estilo próprio, dando um caráter bem peculiar às suas narrativas. Clarice escreveu muitas crônicas e contos, além disso, fez nove romances, dentre eles *A paixão segundo GH* (1964), *A maçã no escuro* (1961), *A Hora da Estrela* (1977), *O Lustre* (1946), *Perto do Coração Selvagem* (1943), seu primeiro livro.

Sua vida e obra vêm possibilitando a realização de inúmeros estudos, sob óticas bastante diversas. A minha dissertação intentou problematizar a construção dos sujeitos femininos na obra de Clarice Lispector mediante a análise de alguns de seus contos especialmente sugestivos às reflexões contemporâneas acerca do gênero. A crítica feminista, em sua proposta transdisciplinar, permitiu a junção de feminismo e literatura e, ainda, em meu caso, chamar ao debate os insights advindos da chamada virada linguística pós-moderna que explicita a incompletude, a não-fixidez e fragmentação das identidades, com relevo à desconstrução feminista do sujeito iluminista.

A escolha por Clarice Lispector não se deu de maneira aleatória. A própria biografia da autora revela-nos a intensidade com que os deslocamentos, trânsitos, viagens permearam sua vida. Segundo Gotlib (1995), Clarice apresenta ainda uma reação de resistência, de não rendimento ao sistema nos momentos mais difíceis. Até no ato de escrever ela preza por sua liberdade e, por isso, não se considera, às vezes, como profissional, conforme revela o programa Trinta anos incríveis, que mostra uma entrevista por ela concedida, em 1977, ao jornalista Júnior Lerner para um especial do programa Panorama. “Essa atitude de resistência é o que acontece nos seus diferentes textos, de diferentes modos. É o que marca a sua literatura” (GOTLIB, 1995, p. 451).

Mas quem é essa escritora de que falamos, qual a sua história? Clarice estreia no palco da vida em 10 de dezembro de 1920. Nasceu numa aldeia ucraniana, chamada Tchetchelnik, quando os pais judeus migravam de seu país em busca de condições melhores e mais seguras de sobrevivência. Recém-chegada, com dois anos de idade, em terras brasileiras, Chaya passou a se chamar Clarice.

Tendo em vista a importância da contribuição do legado literário de Clarice Lispector para a literatura brasileira e conscientes de que a obra desta autora evidencia uma forma sutil e diferenciada de representar as mulheres, este estudo quer focalizar os femininos de Clarice Lispector, no plural, em sua diversidade e reincidências.

As personagens clariceanas em foco para exame também são traduzidas à luz das perspectivas pós-coloniais que, em nosso entendimento, aprofundam a percepção da proliferação de histórias e temporalidades; da intrusão da diferença e da especificidade; da multiplicidade de conexões culturais laterais e descentradas; das resistências; dos trânsitos e das fronteiras que nos ajudam a atentar para a subalternidade, a disjunção e a tensão contidas na reelaboração incessante dos femininos. Pretendo, em modesta medida, observar possibilidades outras de leitura para as representações de mulheres presentes nas obras literárias, quiçá contribuindo com a crítica literária brasileira de cunho feminista e sua consolidação no meio acadêmico.

Ciente de que, ao longo dos últimos anos, o mundo vem vivenciando o crescimento do pensamento feminista também no meio acadêmico e, com ele, a mulher foi se tornando objeto de estudos nos mais diversos campos do conhecimento, o que implicou na construção da teoria feminista em suas distintas modelagens. Assim, realizaram-se diversos debates acerca do espaço relegado à mulher também na literatura, pois a autoria feminina consiste numa das áreas em que as novas concepções feministas refletiram.

Seguindo pelo viés literário, a crítica feminista ocupou-se em analisar os estereótipos femininos nas obras literárias, bem como a desconstrução desses estereótipos, além de estudar as marcas peculiares da produção feminina em cada época específica, voltando-se para o ser mulher, para os papéis socialmente

estabelecidos de mãe, esposa, filha, dona de casa, e para a compreensão de como as mulheres se representam em suas obras.

É relevante levar em conta que as sociedades desde sempre se guiaram por uma cultura que dita padrões de comportamento para o homem e a mulher. Tais padrões foram narrados na literatura de Lispector, assim ao nos voltarmos para as mulheres de Clarice, discutimos acerca da identidade feminina de sua época e sobre a imaginação literária de sua autora que participa da construção e reflexão acerca das memórias femininas e identidades atuais.

O foco de análise do feminino à luz da crítica pós-colonial apresentou-se com o propósito de perceber, nos modos de se caracterizar a mulher na obra clariceana, os deslocamentos e as identidades transitórias a ela vinculados, além de explicitar o que de denúncia da subalternidade feminina encontra-se presente em suas produções. Tal foco permeia o intuito de responder à questão que norteou esta pesquisa: quais são os deslocamentos e trânsitos por que passam as personagens femininas criadas por Clarice Lispector?

A partir da questão norteadora, desenvolvi os objetivos: entender o lugar do gênero feminino na produção literária, percebendo como a mulher representa a si mesma; e notar a influência dos deslocamentos, trânsitos, diásporas para a construção das identidades femininas, atentando para a atualidade do debate acerca da hibridez e da indecidibilidade do sujeito pós-moderno e pós-colonial.

A pesquisa foi desenvolvida a partir do estudo bibliográfico e da análise textual de caráter teórico crítico sobre as narrativas da escritora Clarice Lispector, que trazem representações da mulher. Escritora e seus escritos constituíram, do ponto de vista metodológico, sujeitos da pesquisa e formaram o corpus para seu desenvolvimento.

Para atingir os objetivos propostos foram utilizados os seguintes procedimentos: estudo da biografia de Clarice Lispector; análise de textos teóricos que deram suporte ao tema escolhido; estudo das obras da escritora escolhida, a saber: *A fuga* (que trata das relações matrimoniais), *Viagem a Petrópolis*, *A partida do Trem* (contos que têm como pano de fundo a velhice), *A Língua do "p"* e *Ele me bebeu* (os quais revelam a perspectiva da mulher, ansiosa com a imagem projetada ao exterior, da qual as personagens procuram se libertar na obra); leitura e análise dos contos com o levantamento e a sistematização das características das personagens clariceanas, com vistas a identificar colonialidades, subalternidades, resistências, acomodações, hibridizações ao longo das narrativas de maneira a discutir as representações femininas nelas presentes.

A dissertação abarcou três etapas. A primeira voltava-se para as reflexões teóricas acerca do feminismo e da crítica literária feminista, haja vista o suporte teórico adequado à nossa pesquisa. Desse modo, consideramos importante que pudéssemos apresentar algumas categorias relevantes, previamente à análise, marcando, sobretudo, o lugar da crítica literária feminista no campo dos estudos literários. Dedicamos também ao pós-colonial. Debatesmos conceitos importantes para compreendermos os deslocamentos e trânsitos por que passam as personagens clariceanas como hibridez, identidade, indecidibilidade, diferença-différance, sujeito subalterno, sujeito pós-moderno. Para tanto, recorremos a estudiosos como Stuart Hall, Homi Bhabha, Gayatri Spivak, em sua inspiração derridiana, também, a Aníbal Quijano, dentre outros, que compõem um panorama dos estudos pós-coloniais, culturais e decoloniais da atualidade.

Alguns, provavelmente, questionarão sobre a aplicabilidade dessa incandescente e controversa produção de pensamento para a análise da obra clariceana, que mais recorrentemente é lida pelas lentes do existencialismo. Este capítulo nos serve, portanto, para evidenciar a fertilidade analítica dos conceitos extraídos dos teóricos pós-coloniais ao texto literário de Lispector, bem como a suas personagens. Afinal, não podemos perder de vista que a escritora em questão participou de uma sociedade com sobrevivências de colonialidade, além de vivenciar experiências de diáspora, assim como, não menos, que a questão do gênero em tela, presa a fortes desigualdades, em muito possa se beneficiar do debate acerca de um empenho epistemológico e ideológico de descolonização das identidades. Mas, esperamos também deixar claro que Clarice não aceitaria rótulos, não se consideraria jamais uma filósofa existencialista, tampouco uma crítica pós-colonial. O exercício pós-colonial é uma decisão desta análise exclusivamente, assim como é a perspectiva feminista aqui adotada.

Já a segunda etapa versou sobre a autora e um pouco de sua história de vida, fazendo menção às escritoras de seu tempo. Em seguida, buscamos notar a presença de Clarice como mote de investigações no campo das Letras na atualidade. Cientes da diversidade de material existente e da impossibilidade de acessá-los na totalidade, inicialmente optamos por buscar dissertações e teses produzidas em alguns cursos de pós-graduação em Letras, entre os anos de 1990 a 2013. No entanto, diante dos poucos trabalhos encontrados num período anterior a esse recorte temporal, consideramos interessante captá-los, englobando um período maior (1981 a 2013), para a nossa mostra. Selecionamos 9 (nove) programas de pós-graduação em Letras em universidades públicas brasileiras, incluindo a UFES, instituição da qual fazemos parte, para nossa amostra intencional e reduzida, com fins exclusivos de termos uma visão acerca do terreno em que pisávamos, que nos levou, nalguma medida, a apostar que Lispector tem inspirado trabalhos acadêmicos na área de Letras. Ainda tentando mapear o terreno, procuramos identificar especialmente os estudos capazes de dialogar com nosso tema.

Na terceira parte, houve a análise, uma a uma, das narrativas de Clarice Lispector, escolhidas como objeto de estudo, com base no arcabouço teórico apresentado e discutido nos capítulos anteriores. Foram eleitas obras que narram real ou metaforicamente a experiência do trânsito e do inacabamento, no sentido pós-moderno. Dedicamo-nos às personagens “Ela” (*A fuga*), Mocinha (*Viagem a Petrópolis*), Dona Maria Rita Alvarenga Chagas Souza (*A partida do trem*), Maria Aparecida (*A língua do “P”*) e Aurélia Nascimento (*Ele me bebeu*). Destacamos que, nas narrativas, essas personagens passam por viagens físicas, reais e interiores que as fazem, e também a nós, pensar sobre o lugar em que estão, sobre quem são, sobre a sociedade que as/nos cerca, por fim, acerca de sua/nossa capacidade de vocalização e enunciação de desejos, vontades, identificações.

## Considerações Finais

Trazer como exemplo minha pesquisa de mestrado serviu para termos uma visão mais objetiva de como a pesquisa em literatura ocorre. Cada estudioso tem uma experiência de pesquisa diferenciada de acordo com a obra escolhida e com as problemáticas e perspectivas teóricas que ela proporciona.

Deste modo é fundamental ter em mente que tudo parte da obra literária, esta deve estar sempre presente na análise, pois se nos distanciarmos dela não estaremos alcançando o objetivo a que nos propomos – a análise literária. É comum vermos críticas a estudos literários que dizem muita coisa, tem uma grande

reflexão teórica, mas pouco apresentam da literatura que se dispuseram estudar. Ou então, é recorrente o equívoco de impor um ponto de vista à obra, ou seja, ao invés de buscar no texto literário os elementos para análise faz-se o contrário agregam elementos externos à obra. Temos que tomar ainda o cuidado de não rotular autores e obras, isto é, não vinculá-los a correntes teóricas, movimentos, ideologias, deixando sempre claro que as escolhas feitas partem de nossa leitura da obra, e neste processo a nossa subjetividade também está inserida.

Outro fator importante é perceber que a obra não é composta somente de significados, mas que esta inscrita num suporte e é formada por uma estrutura escolhida propositalmente pelo autor. Além disso, é essa estrutura, essa forma de contar, que garante ao texto o status de literário.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de. As letras em foco de pesquisa. In: AGUIAR, Vera Teixeira de; PEREIRA, Vera Wannmacher (Orgs). **Pesquisa em Letras**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

CANDIDO, Antonio. **Na sala de aula**: cadernos de análise literária. São Paulo: Editora Ática, 1995.

CANDIDO, Antonio. **Noções de análise histórico-literária**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.

PRAZERES, Lílian Lima Gonçalves do. **Femininos, identidades e trânsitos em narrativas de Clarice Lispector**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), 2015.